

A construção do discurso midiático sobre os atos antidemocráticos de 8 de janeiro de 2023: uma análise criminológica da cobertura jornalística na plataforma Instagram

Felipe da Veiga Dias¹ 

ATITUS Educação, Brasil.

E-mail: felipevdias@gmail.com.

Driane Fiorentin de Moraes² 

ATITUS Educação, Brasil.

E-mail: driane_moraes@hotmail.com

Resumo: O presente estudo tem como tema os retratos jornalísticos dos atos antidemocráticos a partir de um olhar criminológico crítico, mais precisamente na reprodução discursiva on-line na plataforma *Instagram* por jornais de grande circulação. Com base nisso, estipula-se como problema de pesquisa: a partir do olhar criminológico crítico, quais discursos midiáticos estão presentes nas coberturas jornalísticas on-line dos atos antidemocráticos? Objetiva-se assim analisar os discursos produzidos pela cobertura jornalística sobre os atos antidemocráticos ocorridos no dia 08 de janeiro de 2023, na Praça dos Três Poderes. Utilizou-se como critérios de seleção, a partir da plataforma Instagram, os dois jornais mais seguidos do país, tendo a delimitação temporal de 30 dias para coleta das reportagens e a apreciação somente das notícias diretamente relacionadas sobre os ataques. A metodologia empregada será indutiva, juntamente à análise de discurso crítica (ADC), combinada com o método de procedimento monográfico e a técnica de pesquisa da documentação indireta, tendo em vista que se utilizam bases bibliográficas, cobertura midiática e dados secundários a respeito do tema em questão. Concluiu-se que a mudança de discurso ocorreu somente no jornal O Globo, tendo sido mantido o mesmo padrão no jornal Folha de São Paulo. Desta forma, o discurso midiático centrou-se na categorização negativa dos indivíduos e suas ações, com ênfase em delimitações terminológicas.

Palavras-chave: Criminologia crítica; Atos Antidemocráticos; Cobertura Jornalística; Discurso Midiático.

The construction of media discourse on the antidemocratic acts of January 8, 2023: a criminological analysis of journalistic coverage on the Instagram platform

Abstract: This study focuses on journalistic portrayals of anti-democratic acts from a critical criminological perspective, more precisely on the online discursive reproduction on the

¹ Pós-doutor em Ciências Criminais pela PUC/RS. Doutor em Direito pela Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC) com período de Doutorado Sanduíche na Universidad de Sevilla (Espanha). Professor do Programa de Pós-Graduação em Direito da Atitus Educação – Mestrado e Doutorado. Professor do curso de Direito da Atitus Educação – Passo Fundo – RS. Brasil. Coordenador do Grupo de Pesquisa “Criminologia, Violência e Controle”. E-mail: felipevdias@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8603-054X>. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6961580388113058>. E-mail: felipevdias@gmail.com.

² Mestre em Direito pelo Programa de Pós-Graduação em Direito da Universidade Atitus Educação. Graduada em Direito pela Faculdade Meridional (IMED). Integrante do Grupo de Pesquisa “Criminologia, Violência e Controle” (PPGD - Atitus Educação). Advogada. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6775-4008>. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9757709366088649>. E-mail: driane_moraes@hotmail.com.

Instagram platform by large-circulation newspapers. Based on this, the research problem is stipulated as follows: from a critical criminological perspective, what media discourses are present in online journalistic coverage of anti-democratic acts? The aim is to analyze the discourses produced by journalistic coverage of the anti-democratic acts that occurred on January 8, 2023, at Praça dos Três Poderes. The selection criteria used, from the Instagram platform, were the two most followed newspapers in the country, with a time limit of 30 days for collecting reports and only the news directly related to the attacks being considered. The methodology used will be inductive, together with critical discourse analysis (CDA), combined with the monographic procedure method and the indirect documentation research technique, considering that bibliographic bases, media coverage, and secondary data regarding the topic in question are used. It was concluded that the change in discourse occurred only in the newspaper O Globo, and the same pattern was maintained in the newspaper Folha de São Paulo. In this way, media discourse focused on the negative categorization of individuals and their actions, with an emphasis on terminological delimitations.

Keywords: Critical criminology; Anti-democratic Acts; News coverage; Media Discourse.

Sumário: 1. Introdução. 2. Bases metodológicas para análise do campo. 3. Resultados e enquadramentos da coleta de campo no plano digital. 4. Retratos midiáticos dos atos antidemocráticos pelo viés criminológico crítico. 5. Conclusão.

1 INTRODUÇÃO

No dia 08 de janeiro de 2023, após as eleições presidenciais e a posse do novo presidente do Brasil, o país observou a Praça dos Três Poderes na cidade de Brasília ser depredada por pessoas descontentes com a derrota eleitoral. Inconformados com o resultado das urnas, os populares invadiram o Congresso Nacional, o Supremo Tribunal Federal (STF) e o Palácio do Planalto, destruindo objetos, obras de arte e as estruturas dos locais.

O prejuízo estimado para a cobertura das depredações feitas pelos populares superou a marca de 20 milhões de reais aos cofres públicos (Folha, 2023f). Por esta razão, os meios de comunicação passaram a ocupar considerável espaço de cobertura desde o dia do ataque, acompanhando os atos, consequências, reconstrução dos locais, a prisão dos envolvidos e nomeando como atos antidemocráticos os acontecimentos.

Cumpre esclarecer que não será questionada a capitulação de “Atos Antidemocráticos”, uma vez que as próprias manifestações questionavam a legitimidade do processo eleitoral e atentaram contra a Constituição Federal de 1988, entoando pedidos de intervenção e golpe militar no país (Uol, 2023).

A análise em relação ao jornal O Globo ganha particular relevância considerando que o jornal colaborou editorialmente com os militares na época da ditadura. Em virtude disto, a editora lançou o projeto Memória O Globo, no qual reconheceu parcialmente a influência do

jornal no golpe militar (Castilho, 2015, p. 10-11).

No ano de 2014, o jornal Folha de São Paulo assumiu sua parcela de responsabilidade por ter apoiado o golpe militar de 1964, relativizando, contudo, os danos que o período de ditadura causou, com ênfase no crescimento econômico e outros “avanços” para justificar o seu então apoio (Sanglard; Cruz; Gagliardi, 2021, p. 369).

Em realidade o olhar criminológico dispendido toma como base a noção de *newsmaking* ou valor-notícia, o qual foi reconhecido pela visão jornalística dos fatos ocorridos por abranger situações criminosas ou no campo da ilicitude, o que é vislumbrado como significativo para publicação de determinados temas.

Neste sentido, propõe-se analisar, num período de 30 dias, a cobertura midiática on-line na plataforma Instagram dos acontecimentos do dia 08 de janeiro de 2023, buscando identificar e estudar os discursos midiáticos presentes nas coberturas jornalísticas.

O primeiro recorte/seleção na pesquisa foi a escolha da plataforma Instagram, seguida da seleção dos jornais Folha de São Paulo (3,8 milhões de seguidores) e Jornal O Globo (3,1 milhões de seguidores), visando a leitura de mecanismos de considerável influência on-line no país. Tal eleição se dá com base no critério de número de seguidores e no conhecimento de que se trata de meios de comunicação enquadrados como hegemônicos, tradicionais no jornalismo profissional e de grande circulação, os quais também fizeram a cobertura do golpe militar de 1964 e retrataram-se, posteriormente, do apoio editorial oferecido à época, ainda que de forma parcial.

Outrossim, cabe registrar que o estudo não se destina a investigar noções como polarização política (concepção que encontra métricas empíricas divergentes para o seu reconhecimento no Brasil) (Ortellado; Ribeiro; Zeine, 2022, p. 86-87), já que seria necessário estabelecer outro arcabouço teórico para adentrar no campo dos discursos produzidos na esfera pública sobre radicalismos, autoritarismos e outras formatações oriundas dos processos de conflito político-social hodierno. Em sentido complementar, a eleição de dois jornais tradicionais e com grande circulação nas redes sociais também almeja se afastar de comparativos regionais no âmbito democrático, pois, apesar das divisões fáticas no cenário eleitoral nacional, a existência de disputas ideológicas e divergências políticas a depender da localização geográfica é algo esperado de um país tão territorialmente vasto e socialmente plural como o Brasil. Para além disso, o caráter transfronteiriço das redes sociais e suas formas de assimilação são justamente o intuito da pesquisa, de modo que comparativos regionalizados excederiam os limites metodológicos para a checagem proposta.

Por conseguinte, delimitou-se as investigações das postagens/notícias nas páginas jornalísticas selecionadas no período de 30 dias, compreendidos entre 08 de janeiro de 2023 a 08 de fevereiro de 2023. Por fim, nesse espaço de tempo, selecionou-se somente as notícias diretamente relacionadas aos ataques ocorridos na Praça dos Três Poderes na cidade de Brasília, excluindo-se as reportagens repetidas e as que não dizem respeito diretamente ao atentado.

Justifica-se a escolha da mídia social Instagram em virtude dos dados publicados pela pesquisa da We Are Social e Hootsuite (2022), registrando uma média de 119,5 milhões de usuários na referida plataforma no Brasil, sendo uma das redes sociais mais utilizadas no país de acordo com o referido estudo.

Com base nisso, estipula-se como problema de pesquisa: com base no olhar criminológico crítico, quais discursos midiáticos estão presentes nas coberturas jornalísticas on-line dos atos antidemocráticos? A indagação tem como objetivo geral compreender os tipos de discursos produzidos nas coberturas jornalísticas dos atos antidemocráticos, partindo da análise crítica sobre a mídia, seus discursos e a abrangência criminal projetada.

Em um primeiro momento, busca-se explicar a metodologia utilizada, para que se compreenda o rigor científico que será adotado para a averiguação das notícias jornalísticas encontradas.

O segundo tópico descreverá todas as falas encontradas, agrupando-as em grupos e subgrupos antes de efetivar a devida apreciação. Isto é, inicia-se com a descrição dos conteúdos encontrados, seguidos de sua organização, sistematização e agrupamento, para então finalizar com a leitura crítica dos materiais encontrados. Nessa perspectiva, será feita a interpretação empírica da pesquisa, visando partir de uma abordagem indutiva, isto é, indo de um ponto específico (discurso midiático dos atos antidemocráticos) para um estudo geral (leitura criminológico-crítica da mídia).

Justifica-se a relevância da pesquisa no debate em torno da influência da escolha das palavras na construção de uma realidade social, ou seja, as formas como os meios de comunicação, por meio de plataformas, passam a definir a retórica-imagem que irá compor suas notícias, impactando na forma como os leitores/usuários vão recebê-las e interpretá-las. Budó (2013, p. 239) explica que, se “só é visto o que é mostrado, então as escolhas realizadas diariamente pelos veículos de comunicação importam e muito na compreensão que se tem da realidade”. Posto isso, a estruturação da escrita, os enquadramentos (*framed*), têm relação direta com a compreensão do público-alvo sobre a leitura realizada acerca dos fatos e situações criminosas

2 BASES METODOLÓGICAS PARA ANÁLISE DO CAMPO

Para realização deste trabalho parte-se de uma abordagem indutiva, de modo que o plano específico serve de ponto inicial para ampliação das considerações e conclusões do estudo. Ademais, considera-se a contribuição empírica desta opção metodológica, a qual se ampara nas investigações jurídicas que evidenciam ainda atualmente o predomínio de pesquisas bibliográficas, ou seja, há uma “baixa incidência da pesquisa de campo”, o que “constitui um importante obstáculo ao amadurecimento da pesquisa jurídica no Brasil” (Bedê; Sousa, 2018, p. 785).

Todavia, apesar do necessário incremento das incursões empíricas, o método indutivo de investigação já é bastante conhecido no campo científico, razão pela qual despende-se maior ênfase aqui no emprego da metodologia procedural de Análise de Discurso Crítica (ADC), a qual dispensa a leitura mecânica, incorporando além da crítica a interpretação do texto dentro de um contexto social.

Esta metodologia propõe, neste caso, uma observação e um método próprio para descrever, interpretar e explicar a linguagem no contexto sócio-histórico, em especial considerando os avanços nas tecnologias da informação e na comunicação, com a “evolução” da internet e sua produção de uma nova realidade social, sem limites temporais e espaciais.

A escolha metodológica justifica-se em razão de que a ADC se trata de uma teoria do discurso e não da linguagem, isto é, não uma abordagem meramente mecânica da leitura do que é escrito, mas do discurso produzido a partir daquela escrita, sem ignorar o contexto histórico-social no qual ela foi redigida. Ramalho (2010, p. 49) explica que “a ADC consiste numa abordagem científica transdisciplinar para estudos críticos da linguagem como prática social”, estabelecendo um quadro crítico que possibilita estudar a conexão entre as relações de poder e os mecanismos linguísticos empregados em certos contextos por determinadas pessoas ou grupos (Resende; Ramalho, 2004, p. 185).

Para as autoras Resende e Ramalho (2004, p. 186), “por meio da investigação das relações entre discurso e prática social, busca-se desnaturalizar crenças que servem de suporte a estruturas de dominação, a fim de favorecer a desarticulação de tais estruturas”. Neste sentido, “um dos aspectos centrais da teoria do funcionamento social da linguagem em ADC, então, é a abordagem da relação entre linguagem e sociedade, definida como uma relação interna e de mão dupla” (Magalhães, 2017, p. 202).

Isto porque o discurso é uma forma de prática social, ou seja, um modo de ação que ocorre dentro de uma sociedade, sendo constitutivo à medida que estabelece estruturas sociais e igualmente constituído, visto que podem mudar em razão dos contextos sociais nos quais são gerados, assim como aos tipos de retóricas nos quais se filiam (Resende; Ramalho, 2004, p. 186). Tal perspectiva reativa a apreciação trazida por Foucault:

[...] o discurso não é uma estreita superfície de contato, ou de confronto, entre uma realidade e uma língua, o intrincamento entre um léxico e uma experiência; gostaria de mostrar, por meio de exemplos precisos, que, analisando os próprios discursos, vemos se desfazerem os laços aparentemente tão fortes entre as palavras e as coisas, e destacar-se um conjunto de regras, próprias da prática discursiva. Essas regras definem não a existência muda de uma realidade, não o uso canônico de um vocabulário, mas o regime dos objetos [...]. Certamente os discursos são feitos de signos; mas o que fazem é mais que utilizar esses signos para designar coisas. É esse mais que os torna irredutíveis à língua e ao ato da fala. É esse "mais" que é preciso fazer aparecer e que é preciso descrever (Foucault, 2008, p. 54-55)

Nesse ponto, a relevância dessas explicações justifica-se à medida que se entende a linguagem como uma prática social, situada no tempo e característica de relações, identidades e crenças. Por esta razão, a investigação da prática social ocorre pelo texto, visto que é por meio deste que se busca explorar as estruturas dessas relações (Resende; Ramalho, 2004, p. 189).

Portanto, não é possível pensar que um texto se tornaria transparente³ por meio de aplicação de certas categorias de uma estrutura crítica pré-existente, já que o que determina a capacidade de entender de um texto depende da realidade e perspectiva a partir do qual será abordada a leitura, sem ignorar questões específicas em foco (Fairclough, 2003, p. 15).

Esta metodologia também “se destina a observar e a interpretar o fenômeno e os objetos que dele derivam, os atores sociais envolvidos e ainda, os seus processos em contexto situado, na medida em que essa perspectiva se aproxima da realidade e pode ser estudada” (Pereira et al., 2020, p. 20). Dito isto, destaca-se que um dos principais propósitos em uma análise científica é ir além de meras descrições objetivas, visando uma interpretação crítica e testando a conexão entre os elementos que compõem a prática social em debate (Pereira et al, 2020, p. 21).

³ Valioso remeter as ponderações contemporâneas de Han (2017) acerca do caráter uniformizador e totalitário das demandas recentes por transparência, demonstrando a possibilidade de imposição de certo vazio acrítico, produzindo confusões entre transparência e verdade.

Assim, fazer uma análise de discurso crítica significa “estabelecer diálogos, fazer conexões, tudo em prol de uma sociedade que se busque, a cada dia, mais democrática e menos desigual” (Pereira; Teixeira; Pereira; 2020, p. 27).

Combinado com os métodos iniciais, encontra-se o método de procedimento monográfico, o qual utiliza como parâmetro o estudo acerca de um tema específico e de forma aprofundada, deixando de lado abordagens puramente dogmáticas ou analíticas que pouco questionariam sobre os objetos de estudo. Por fim, colaciona-se a técnica de pesquisa da documentação indireta, tendo em vista que se utilizam como fontes básicas obras bibliográficas, cobertura jornalística e dados secundários a respeito do tema em questão.

Portanto, a leitura das matérias jornalísticas considera os fatores de recorte, enquadramento e definições do campo da comunicação. Compreende-se dessa forma que a interpretação das falas se encontra no escopo do retrato midiático da realidade e não em uma simples transposição do real ao material investigado.

3 RESULTADOS E ENQUADRAMENTOS DA COLETA DE CAMPO NO PLANO DIGITAL

Inicialmente cabe expor os resultados obtidos no levantamento de dados na rede social *Instagram*, a qual, conforme já aludido, concentrou-se em dois perfis de jornais de grande circulação. O material colhido na página do *Instagram* do jornal Folha de São Paulo, com 3,6 milhões de seguidores à época da pesquisa, procedeu na averiguação de 79 reportagens, tendo sido excluídas 3 em razão da repetição de material, resultando na observação de 76 notícias.

No decorrer das investigações, foi possível identificar 10 classificações em relação aos protestos e aos populares que deles participaram, os quais foram: a) vândalos/vandalismo; b) golpistas/golpe; c) atos antidemocráticos; d) bolsonaristas; e) manifestantes/manifestações; f) ataque; g) invasão/invasores; h) criminosos; i) terroristas; j) depredadores.

Ao todo, o jornal Folha de São Paulo mencionou 24 vezes como “vândalos” ou “atos de vandalismos” os eventos ocorridos no dia 08 de janeiro, ao passo que os termos “golpista” ou “golpe” foram usados 94 vezes. A escolha dos termos demonstra a forma que os meios de comunicação optaram por destacar os atos de violência praticados pelos populares contra os bens públicos, tendo sido descritos ainda alguns dos bens depredados durante os protestos.

No tocante ao termo “golpista” ou “golpe”, atenta-se ao fato do termo ter sido usado quase 100 vezes pelo jornal on-line, o que demonstra a intenção do meio de comunicação em evidenciar sua concepção de que os populares presentes nos atos de 8 de janeiro eram favoráveis e participativos à um golpe de Estado. Isso indica, mesmo que não se transcreva de modo expresso, que tal meio de comunicação interpreta o pleito eleitoral realizado como legítimo, e sem qualquer evidência de fraude ou descumprimento dos parâmetros jurídico-democráticos.

Soma-se ainda que tal atribuição retórica foi sustentada pelo teor dos pedidos entoados pelos próprios populares que protestavam, pedindo por intervenção e golpe militar (Folha de São Paulo, 2023g). Outrossim, o adjetivo “golpista” recorrentemente foi encontrado nos títulos das matérias, ganhando destaque e firmando a posição dos redatores de que houve uma tentativa de golpe de Estado (situação definida como infração penal conforme a legislação vigente).

Na imagem de uma das publicações é possível ver a faixa pedindo “Intervenção” pelos protestantes, sendo considerada pelo jornal como “ataque à democracia”, conforme se visualiza no título da matéria jornalística (valioso pontuar que a imagem também compõe a visão-recorte interpretativo do fenômeno). Um detalhe observável é o uso das letras em caixa alta na chamada, o que além do destaque ao leitor/usuário tem no ambiente digital das redes a conotação da elevação de tom (falar alto/gritar).

Ademais, nomeou-se ao menos 3 vezes os acontecimentos como “atos antidemocráticos” (Folha de São Paulo, 2023a), o que demonstra novamente a interpretação do jornal de que os protestos atentam contra o Estado Democrático de Direito.

Ao menos 24 vezes o jornal utiliza o termo “bolsonarista” (Folha de São Paulo, 2023b), nomenclatura utilizada para se referir aos apoiadores do ex-presidente Jair Messias Bolsonaro, deixando claro em suas reportagens que os populares que protestavam em descontentamento ao resultado das eleições eram apoiadores do ex-presidente e candidato não eleito.

O jornal ainda fala 7 vezes em “ataque” e 21 vezes em “invasão” e “invasores”, o que compartilha a concepção dos jornalistas de que os protestos se deram mediante invasão na Praça dos Três Poderes (Folha de São Paulo, 2023c). Torna-se interessante atentar a essas nomenclaturas escolhidas, pois não parece haver, até então, uma tentativa de neutralidade por parte deste veículo e seus profissionais, os quais selecionaram determinados adjetivos que transparecem sua visão dos protestos.

As palavras “criminosos”, “terroristas” e “depredadores” são menos frequentemente encontradas, sendo mencionadas 3 vezes as palavras “criminosos” e somente 1 vez “terroristas” e “depredadores”. Entretanto, ainda que menos frequentes, os termos escolhidos dão sequência à ideia de que os atos ocorridos no dia 08 de janeiro foram uma tentativa de golpe de Estado praticado, portanto, por criminosos (Folha de São Paulo, 2023d).

Por fim, ao menos 32 vezes o jornal utilizou o termo “manifestantes” e “manifestações”. No decorrer da observação, realçou-se o fato de que o jornal Folha de São Paulo não fez uso do termo de forma isolada, ou seja, não se visualizou nas reportagens somente a expressão “manifestantes” ou “manifestações” (Folha de São Paulo, 2023e), mas sim o uso conjunto da palavra com outros adjetivos já mencionados nesta análise.

A primeira reportagem apreciada chamou atenção por descrever inicialmente os protestos como “atos antidemocráticos”, mencionando expressamente que as manifestações eram feitas por bolsonaristas descontentes (Folha de São Paulo, 2023a). Já a segunda notícia analisada afirma categoricamente que se tratava de “manifestantes golpistas”, isto é, desde o início o jornal on-line categorizou os protestos e seus agentes como golpistas, ainda que tenha optado por chamá-los de manifestantes em alguns momentos (Folha de São Paulo, 2023c).

Enquanto observa-se que em algumas coberturas os redatores optaram por oscilar entre os termos “manifestantes” e “golpistas”, outras reportagens mencionam repetidas vezes a palavra “golpista” em sua redação. Por fim, verifica-se que o adjetivo mais utilizado pela Folha de São Paulo é “golpista”, adotado tanto para definir as condutas – “atos golpistas” – quanto para definir os populares que protestavam – “golpistas”.

Em complemento, o segundo perfil observado, pertencendo à página do *Instagram* do jornal O Globo, com 3 milhões de seguidores à época da pesquisa, resultou na análise de 47 reportagens, tendo sido 2 delas excluídas em razão da repetição de material, proporcionando ao final 45 notícias. Em termos quantitativos há uma redução no comparativo, porém, tal fato não é relevante para proposta de pesquisa.

No decorrer das análises, foi possível identificar 13 classificações relacionadas aos protestos e aos populares que deles participaram, os quais foram: a) bolsonarista; b) manifestantes/manifestações; c) golpista/golpe; d) terrorista/terrorismo; e) ataque; f) invasão/invasores; g) vandalismo/vândalos; h) atos antidemocráticos; i) vagabundos; j) criminosos; k) participantes.

A expressão “bolsonarista” aparece ao menos 14 vezes durante as reportagens, informando aos leitores, do mesmo modo que a Folha, que os protestos estavam sendo

realizados por apoiadores do ex-presidente e candidato derrotado Jair Messias Bolsonaro (O Globo, 2023a).

As palavras “golpe” e “golpista” foram localizadas 18 vezes nos materiais averiguados, seguidas das expressões “terroristas” e “terrorismo”, as quais foram mencionadas 17 vezes. Ao contrário do jornal A Folha de São Paulo, que priorizou o termo “golpista”, nota-se que este jornal O Globo alternou o vocabulário para se referir aos populares e seus atos como golpistas/terroristas e golpe/terrorismo.

Da mesma forma, os termos “invasão/invasores” e “vandalismo/vândalos” foram encontrados 15 e 11 vezes, respectivamente, evidenciando que ambos os jornais buscaram destacar que os protestos ocorreram mediante invasão e depredação na Praça dos Três Poderes. Neste sentido, a expressão “manifestantes” e “manifestação”, mencionada 9 vezes, bem como “apoiadores”, em 1 oportunidade, e “participantes”, em 2 alusões, indica que o jornal buscou manejar os termos como sinônimos na exposição escrita, para evitar repetições.

Por conseguinte, o jornal trouxe em 3 momentos a expressão “atos antidemocráticos” (O Globo, 2023b), utilizando de forma cautelosa esta definição, tanto quanto o outro jornal on-line estudado. Por fim, a palavra “ataque” aparece 3 vezes, ao passo que as expressões “vagabundos” e “criminosos” aparecem 1 vez cada.

Na apreciação dos materiais coletados, verificou-se que as duas primeiras reportagens possuíam um tom mais informativo, utilizando termos como apoiadores, manifestantes e indivíduos, isto é, o jornal optou por manter um tom mais neutro nas primeiras coberturas do ocorrido, vindo somente a denominar os populares como “bolsonaristas” em momento subsequente (O Globo, 2023ac). A partir da terceira matéria, o jornal O Globo passou a usar as expressões “golpista” e “vandalismo”, sendo que após a quarta notícia se visualizou a palavra “terrorista” (O Globo, 2023d).

É notável a existência de pontos comuns e diferenças na forma de cobertura dos eventos do dia 08 de janeiro de 2023 em ambos os jornais. Inicialmente, se pode indicar a questão quantitativa de reportagens como um aspecto diferencial, pois encontrou-se quase o dobro de matérias jornalísticas no jornal Folha de São Paulo do que no mesmo período do jornal O Globo.

Ademais, enquanto a Folha de São Paulo optou por dar ênfase à palavra “golpista”, o outro jornal alternou entre os termos “golpistas” e “terroristas”, sendo visível na presente pesquisa que o jornal O Globo buscou em suas primeiras matérias redigir seus textos de forma mais “neutra”, vindo a mudar a composição da sua retórica pouco tempo depois e

introduzindo as palavras golpista e terrorista em seus textos. Em princípio, há certa uniformidade nas terminologias e representações expostas, seja no sentido de apresentar os fatos como ilícitos, reprováveis ou ainda pelo retrato dos atos como detentores de violência⁴ (em suas múltiplas camadas), e por isso associadas a crimes específicos contidos nas normas brasileiras.

4 RETRATOS MIDIÁTICOS DOS ATOS ANTIDEMOCRÁTICOS PELO VIÉS CRIMINOLÓGICO CRÍTICO

Os estudos de mídia e suas influências no cotidiano de uma sociedade são assuntos recorrentes trabalhados no meio acadêmico criminológico crítico, já que a influência da mídia nas tomadas de decisões e nas percepções sociais acerca de determinados assuntos são fatos relevantes aos debates do controle social contemporâneo. Neste norte, valioso pontuar algumas considerações sobre a perspectiva criminológica, a fim de melhor compreender as linhas de leitura dos fatos midiatizados no Brasil.

A linha que rege essa pesquisa parte dos estudos criminológicos críticos, definindo essa vertente em “uma teoria materialista, ou seja, econômica-política, do desvio, dos comportamentos socialmente negativos e da criminalização” (Baratta, 2011, p. 159). Para a compreensão da matriz de interpretação torna-se necessária uma introdução acerca da linha crítica, ainda que de forma sucinta.

Essa corrente de estudo se desenvolve fundamentalmente em dois momentos. Inicialmente ocorre a mudança do foco dos estudos do autor do delito para a estrutura e condições funcionais do crime, alterando-se, no segundo momento, o objeto de interesse do crime para os mecanismos de controle por meio do qual ocorrem as definições do que é considerado delito e desenvolvido os processos de criminalização (Baratta, 2011, p. 160-161).

Para a criminologia crítica, a criminalidade em si não é um fato natural/ontológico, mas sim um rótulo atribuído a certos grupos de indivíduos (levando em consideração a luta de classes), processo este que se inicia com a escolha dos bens que são valiosos para serem protegidos (segundo os ditames de uma sociedade capitalista) e identificação dos possíveis ofensores, para então haver a seleção dos corpos alvos que merecem a atribuição dentre os

⁴ Butler (2021, p. 20) explica que o próprio termo “violência” é algo em disputa e a forma como a mídia retrata determinados atos como violentos é bastante relevante na construção do significado social e na interpretação dos fenômenos.

indivíduos que cometem infrações penais (Baratta, 2011, p. 161). Com base nisso, parcela desta corrente se concentra nas ações da mídia como reforçadora, definidora ou criadora de estereótipos a serem alvo das agências de controle penal, levando em consideração o contexto de uma sociedade capitalista desigual.

A linha crítica desloca sua análise para a dimensão do poder, rompendo com o paradigma etiológico causal e saindo de uma microcriminologia que girava em torno da criminalidade para voltar seus estudos às formas estruturais e institucionais da violência, assim como os processos de criminalização (Carvalho, 2021, p.18).

“Apesar de se saber que não se trata de uma influência direta da mídia na construção dos medos, existe uma interação na qual a mídia amplifica as percepções e atitudes existentes no público, e é também por ele condicionada” (Budó; Cappi, 2018, p. 22).

Nesse salto de maturação da vertente, o direito penal passa a ser considerado um sistema de funções, com mecanismos de criminalização e produções legislativa (criminalização primária), processos de aplicação da norma penal (criminalização secundária) e processos de execução das penalidades (criminalização terciária) (Baratta, 2011, p. 161). Posto isso, a abordagem crítica evidencia o papel construtivo da realidade por parte da mídia junto aos mecanismos de controle social, ou seja, as categorias/estereótipos delimitados influenciam diretamente as agências de persecução penal e a atuação dos sistemas punitivos.

Por esta razão, a criminologia crítica já se preocupava com a influência dos meios de comunicação nas definições do controle social e os problemas decorrentes disto. Essa relação, por vezes, danosa, entre mídia e situações criminosas se estreita nos estudos de construção social operada pela seletividade característica das produções de notícias, destacando-se em períodos em que casos polêmicos ganham imensa visibilidade (Budó, 2015, p. 96-97).

As notícias são as principais fontes de informação numa sociedade, razão pela qual é possível afirmar que os meios de comunicação são uma relevante agência de controle social (Budó, 2015, p. 105). Desta forma ocorre um processo de conformação do público com aquilo que é apresentado como informação, a qual busca reforçar estereótipos e condutas daquilo em que lhe é de seu próprio interesse, cuidando sempre para oferecer ao público alvo aquilo que sabe que será bem aceito (Gomes, 2015, p. 63).

Portanto, Barak aduz que nas análises do campo realizadas se reconhece que “as notícias sobre crimes refletem, em última análise, as perspectivas socialmente construídas tanto das elites privilegiadas quanto das massas populares”, o que considera os aspectos

políticos e de representação midiática, ao mesmo tempo em que se enfatiza “às várias contradições e tensões envolvidas na produção subjetiva e organizacional de notícias sobre crimes e nas políticas implícitas e explícitas de controle do crime defendidas pela mídia de notícias”. (Barak, 1995, p. 22, tradução nossa). Essa construção indica também que o valor-notícia (constantemente atualizado nas novas mídias) (Leal; Mesquita; Rêgo, 2022, p. 121) do crime/criminalidade é altamente rentável aos meios de comunicação, motivando assim coberturas extensas como as apresentadas aos atos ocorridos em janeiro de 2023 no Brasil, mesmo que pareçam conflitar, em parte, com os interesses econômicos, políticos ou ideológicos dos meios de comunicação.

No caso de jornais ambientados no campo digital é relevante considerar, segundo o olhar criminológico crítico, as peculiaridades capitalistas desta forma de comunicação. Isso significa considerar que o alto número de notícias a respeito dos atos antidemocráticos, somado aos termos chamativos das matérias (conforme o levantamento anteriormente exposto), alinha-se às demandas algorítmicas, conjuntamente às estratégias on-line (*clickbaits*) (Chakraborty *et al.*, 2016, p. 9) e física de cliques típica do que Zuboff (2021, p. 132) nominou de capitalismo de vigilância.

Assim, por meio da construção realizada de uma certa percepção sobre o problema, bem como da seleção dos fatos que serão noticiados, os meios de comunicação acabam conduzindo a reação social a alguns fatos e não a outros (Budó, 2015, p. 105). Essa percepção revela que, em certo sentido, manipula-se o sentimento do público alvo e sua percepção sobre os problemas sociais, apresentando-os juntamente com o estereótipo dos “culpados” (Zeifert; Lucas, 2021, p. 377), visando vender a solução (ainda que parcial) do problema. Novamente, ao se retomar a cobertura de ambos os veículos de comunicação dos atos antidemocráticos, os agentes delimitados como criminosos, suas condutas e a resposta, aparentemente, a ser conferida pelo sistema penal (embora sem determinação de grau-intensidade) restam caracterizadas.

Portanto, quando se discute a desconstrução e reconstrução do modelo de notícia sobre o crime e o criminoso, deve-se atentar à relação direta entre a produção das notícias e a ordem social (Barak, 1993, p. 279; Leal; Mesquita; Rêgo, 2022). Por este motivo que se aludem os contornos tecnológicos que circundam a cobertura jornalística de fatos criminosos no plano on-line e, mais especialmente, das redes sociais (as quais registram um cenário de violência política) (Abreu; Melo, 2017).

Nessa senda, a revolução tecnológica e a globalização permitiram uma maior rapidez na comercialização do crime pelos meios de comunicação (Gomes, 2015, p. 61), uma vez

que as mídias sociais facilitaram o compartilhamento de informações, edições, propagação e participação ativa do público em curto tempo. Gomes (2015, p. 67) alerta que, além de promover uma criação de realidade ficcional, a mídia também modela a percepção das pessoas, fazendo-as acreditar nas informações apresentadas, influenciando o modo de pensar e agir do público.

Para que isso seja possível, os meios de comunicação convertem suas matérias em moeda de troca, apresentando as notícias em capas atraentes, vendendo seu espaço para comerciais e para formadores de opinião que também buscam comercializar seus produtos (Gomes, 2015, p. 70). No que concerne ao espaço das redes sociais em que estão publicadas as notícias da Folha de São Paulo e do O Globo, o apelo e o ajuste humano-algorítmico também afetam a forma de exposição dos atos antidemocráticos.

Em relação às notícias criminais, selecionam-se somente os crimes que tenham potencial de causar impacto na sociedade (ou na linguagem das redes: engajamento), despertando o interesse dos leitores/usuários em acompanhar o desfecho do caso, o que resulta em uma maior lucratividade por parte da mídia. Nesta disputa por maior audiência/acessos, o crime, o criminoso e a vítima acabam sendo peões usados para garantir o retorno financeiro dos meios de comunicação, o que na atualidade se intersecciona com o comércio de dados e metadados.

Há outro tipo de manipulação/condução, mais sutil e de difícil percepção, que é a manipulação enquanto resultado da mercantilização das informações da mídia na sociedade. Essa forma possui como consequência a letargia do público em digerir, de forma crítica, a informação recebida. A principal ferramenta aliada nessa trajetória é a linguagem, a qual não se restringe somente a palavras escritas, incorporando o discurso falado, imagens, cenários montados, entre outros (Gomes, 2015, p. 72). Logo, “a linguagem sempre expõe, por maior que seja o esforço para se preservar uma postura de imparcialidade, o que está nos limites cognitivos – e igualmente sensitivos de quem se exprime” (Gomes, 2015, p. 72).

O aspecto da retórica e nomenclatura adotadas demonstra sua valia nos enquadramentos midiáticos observados, pois tanto a Folha de São Paulo quanto O Globo enfatizaram sua interpretação dos fatos, opondo-se à violência antidemocrática e categorizando com nominações bastante evidentes quem eram os indivíduos perpetradores de atos criminosos. Embora uma das páginas jornalísticas tenha projetado uma postura a princípio “neutra”, o abandono deste enquadramento foi célere, facilitando a compreensão do público de que tais ações se contrapunham ao Estado de Direito e se constituíam em atos criminosos.

Uma breve observação é que os estudos criminológicos e jornalísticos já refutaram o caráter supostamente neutro e objetivo da cobertura midiática (Dias, 2022, p. 30), o que referenda o descolamento desses pressupostos por parte dos meios de comunicação nas reportagens apreciadas.

Importante mencionar a existência de abordagens que almejam aprimorar as notícias acerca de fatos considerados criminosos. Barak (1993, p. 286) discute a criação de um discurso substitutivo, a partir da criminologia jornalística (*newsmaking criminology*), envolvendo inicialmente a desconstrução e a posterior reconstrução das notícias sobre o crime. Essa perspectiva contaria com os criminologistas da produção de notícias e outros especialistas para o adensamento positivo das publicações, superando exposições dualistas ou simplificadoras dos meios de comunicação e trazendo notícias criminais com conteúdo mais complexo.

Destarte, ao compartilhar com o público os conhecimentos criminológicos por especialistas, visa-se esclarecer e reordenar as construções feitas pela mídia sobre o crime (Buckingham, 2004, p. 253). Trata-se de uma abordagem científica, na qual busca-se oferecer uma visão crítica dos assuntos criminais abordados pelos meios de comunicação, envolvendo o público em um debate reflexivo através dos conhecimentos criminológicos (Edwards, 2012, p. 211).

Nesta pesquisa, nota-se que os jornais avaliados não optaram por utilizar dos conhecimentos de criminólogas/criminólogos para embasar suas reportagens, restringindo suas matérias ao desenvolvimento da investigação dos atos do dia 08 de janeiro de 2023. Tal remissão seria contributiva, haja vista que as mobilizações antidemocráticas não são fenômenos simples, contando com movimentos antiestruturais que adotam o ambiente digital como parte de sua formação, constituindo ambientes políticos, sociais e midiáticos paralelos em que se normalizam retóricas e narrativas próprias a legitimarem determinadas ações e concepções de mundo (Cesarino, 2022, p. 79).

Em relação ao jornal Folha de São Paulo, na análise das 76 reportagens identificou-se 10 classificações dos eventos e seus participantes, havendo destaque ao fato de que o jornal usa elevado número de vezes o termo “golpe/golpista”, demonstrando sua visão em relação aos participantes e suas intenções com o ato que praticavam. De igual forma, o termo “manifestante/manifestação” não foi utilizado de forma isolada, sendo utilizado como complemento de outros adjetivos no texto do jornal. Esta nomenclatura, de forma isolada, poderia expressar por parte do jornal a tentativa de passar uma ideia de neutralidade discursiva, o que não se observou nos textos analisados.

Enquanto a primeira reportagem manteve um tom cauteloso em relação ao ocorrido, a segunda publicação, datada no mesmo dia, já informava ao leitor que se tratava de “manifestação golpista”, sendo possível observar que o jornal efetivamente não manteve um tom “neutro” em sua abordagem ou até mesmo evasivo em relação à opinião de seus redatores sobre o acontecimento.

Estas terminologias são relevantes para a análise ao passo que demonstram não haver uma tentativa de suposta neutralidade por parte deste jornal e seus profissionais, os quais selecionaram determinados termos que transparecem sua visão dos protestos. Isto porque ao chamar os participantes por adjetivos como golpista, vândalos, criminosos e terroristas, a publicação assume a possibilidade de desagradar certa parcela de seus leitores, impactando diretamente na avaliação do meio de comunicação e, consequentemente, no faturamento-acesso do mesmo.

Em relação ao segundo perfil analisado, do jornal on-line O Globo, identificou-se nos 45 textos estudados a existência de 13 classificações, sendo inicialmente visualizado nas reportagens um tom informativo, no qual priorizou-se expressões como “apoiadores”, “manifestantes” e “indivíduos”.

A expressão “bolsonarista” também aparece ao menos 14 vezes durante as reportagens, informando aos leitores que os protestos estavam sendo realizados por apoiadores do ex-presidente. Contudo, ao contrário do jornal A Folha de São Paulo, que priorizou o termo “golpista”, nota-se que este jornal alternou o vocabulário para se referir aos populares e seus atos como golpistas/terroristas e golpe/terrorismo.

O discurso do jornal muda à medida que a opinião popular se revela, em sua maioria, contrária aos acontecimentos, aparecendo termos como terroristas, criminosos e vagabundos.

Ao passo que o jornal Folha optou por chamar diretamente os atos de antidemocráticos e assumir uma posição contrária a estes desde as primeiras reportagens, o jornal O Globo escolheu manter inicialmente uma posição teoricamente neutra e informativa, possivelmente aguardando a resposta popular antes de assumir qualquer discurso favorável ou contrário.

CONCLUSÃO

Esta pesquisa foi desenvolvida com o intuito de analisar, sob um viés criminológico crítico, quais discursos midiáticos seriam encontrados nas páginas do Instagram dos jornais

Folha de São Paulo e O Globo relacionados aos ataques ocorridos na Praça dos Três Poderes no dia 08 de janeiro.

Estipulou-se como critérios de seleção o número de seguidores dos referidos jornais on-line, além de uma limitação temporal de 30 dias, que se iniciou dia 08 de janeiro até 08 de fevereiro de 2023. Ademais, foram considerados para a eleição das publicações aspectos ligados ao caráter da tradição de ambos os veículos no cenário jornalístico profissional brasileiro, bem como a sua participação histórica em eventos anteriores de ruptura democrática.

Focou-se na análise das reportagens diretamente relacionadas aos ataques, excluindo-se as que estavam repetidas ou que não diziam respeito ao ataque em si. Assim, por meio do emprego da metodologia procedural de Análises de Discurso Crítica (ADC), realizou-se o estudo de 120 materiais.

Pode-se concluir que a questão quantitativa de reportagens é um aspecto diferencial, pois encontrou-se quase o dobro de matérias jornalísticas no jornal Folha de São Paulo do que no mesmo período do jornal O Globo (essa constatação se conecta diretamente às estratégias algorítmicas do ambiente digital). Em segundo lugar, a escolha na condução das reportagens destaca-se, pois ao passo que o jornal Folha de São Paulo optou por chamar o acontecimento como “atos antidemocráticos” desde a primeira reportagem publicada, o jornal O Globo tentou demonstrar certo grau de neutralidade.

Retoma-se, neste ponto, o problema que moveu esta pesquisa, o qual foi definido da seguinte forma: quais discursos midiáticos estão presentes nas coberturas jornalísticas on-line dos atos antidemocráticos? Ao todo, elencam-se 12 discursos midiáticos encontrados nas reportagens estudadas, sendo 9 deles visíveis em ambos os jornais, isto é, ambas as mídias trabalham com as expressões “vândalos/vandalismo”, “golpistas/golpe”, “atos antidemocráticos”, “bolsonaristas”, “manifestantes/manifestações”, “ataque”, “invasão/invasores”, “criminosos” e “terroristas”. O termo “depredadores” aparece somente nas reportagens da Folha de São Paulo, enquanto os termos “vagabundos” e “participantes” são visíveis somente no jornal O Globo.

Logo, é possível concluir que a mudança de discurso ocorreu somente no jornal O Globo, tendo sido mantido o mesmo padrão no caso do jornal Folha de São Paulo. Desta forma, o discurso midiático centrou-se na categorização (rótulos) dos indivíduos e suas condutas delitivas, nominando-os com definições negativas (ênfase terminológica), caracterizando de forma evidente a contraposição jornalística às ações violentas, aos indivíduos perpetradores de atos criminosos e à tomada golpista do Estado de Direito.

REFERÊNCIAS

ABREU, Jonas Modesto; MELO, Danielle Pereira. Redes sociais e comportamento político violento: uma síntese das ameaças aos direitos humanos no Brasil. *JURIS-Revista da Faculdade de Direito*, v. 27, n. 2, p. 139-154, 2017. <https://doi.org/10.14295/juris.v27i2.7103>.

BARAK, Gregg. Media, crime, and justice: a case for constitutive criminology. *Humanity & Society*, v. 17, n. 3, p. 272-296, 1993. <https://doi.org/10.1177/016059769301700303>

BARAK, Gregg. *Media, process, and the social construction of crime: studies in newsmaking criminology*. New York: Routledge, 1995.

BARATTA, Alessandro. *Criminologia crítica e crítica do direito penal: introdução à sociologia do direito penal*. 6 ed. Rio de Janeiro: Revan, 2011.

BEDÊ, Fayga Silveira; SOUSA, Robson Sabino de. Por que a área do direito não tem cultura de pesquisa de campo no Brasil? *Revista Brasileira de Políticas Públicas*, v. 8, n. 1, p. 781-796, 2018. <https://doi.org/10.5102/rbpp.v8i1.4944>.

BUCKINGHAM, Judith I. “Newsmaking” Criminology or “Infotainment” 1 Criminology? *Australian & New Zealand Journal of Criminology*, v. 37, n. 2, p. 253-275, 2004. <https://doi.org/10.1375/acri.37.2.253>.

BUDÓ, Marília de Nardin. A redução da maioridade penal na Folha de S. Paulo: da razão à emoção. *Revista Eletrônica do curso de Direito da UFSM*, v.10, n.1, p.94-125, 2015. <https://doi.org/10.5902/1981369418649>.

BUDÓ, Marília De Nardin. *Mídias e discursos do poder: a legitimação discursiva do processo de encarceramento da juventude pobre no Brasil*. Tese (Doutorado em Direito) – Curso de Pós-Graduação em Direito, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2013.

BUDÓ, Marília De Nardin; CAPPI, Riccardo. *Punir os jovens? A centralidade do castigo nos discursos midiáticos e parlamentares sobre o ato infracional*. Belo Horizonte: Letramento, 2018.

BUTLER, Judith. *A força da não violência: um vínculo ético-político*. São Paulo: Boitempo, 2021.

CARVALHO, Salo de. Perspectivas metodológicas na criminologia crítica brasileira. *Revista Brasileira de Sociologia do Direito*, v. 8, n. 2, p. 4-31, 2021. Disponível em: <https://revista.abrasd.com.br/index.php/rbsd/article/view/540>. Acesso em: 22 dez. 2024.

CASTILHO, Marcio de Souza. Os trabalhos de memória e o papel de O Globo no golpe de 1964. *Lumina*, v. 8, n. 2, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/lumina/article/view/21148>. Acesso em: 22 dez. 2024.

CESARINO, Letícia. *O mundo do avesso – verdade e política na era digital*. São Paulo: Ubu, 2022.

CHAKRABORTY, Abhijnan; PARANJAPE, Bhargavi; KAKARLA, Sourya; GANGULY, Niloy. Stop clickbait: Detecting and preventing clickbaits in online news media. In: *Proceedings of the 2016 IEEE/ACM International Conference on Advances in Social Networks Analysis and Mining*. IEEE Press, 2016.

DIAS, Felipe da Veiga. *Criminologia Midiática e Tecnopolítica*. São Paulo: Tirant lo Blanch, 2022.

EDWARDS, Phil. How the news was made: The anti-social behaviour day count, newsmaking criminology and the construction of anti-social behaviour. *Critical criminology*, v. 21, n. 2, p. 211-225, 2013. <https://doi.org/10.1007/s10612-012-9167-y>.

FAIRCLOUGH, Norman. *Analysing discourse: textual analysis for social research*. London: Routledge, 2003.

FOLHA DE SÃO PAULO. *Bolsonaristas sobem em teto do Congresso, e PM reage com bombas*. 2023a. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CnKfoFgMQBS/?igshid=YmMyMTA2M2Y%3D>. Acesso em: 22 jan. 2024

FOLHA DE SÃO PAULO. *Manifestantes golpistas depredam prédio do STF e exibem porta de Moraes como troféu*. 2023e. Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/CnKsaPtvzie/?igshid=YmMyMTA2M2Y%3D>. Acesso em 15 jan 2024.

FOLHA DE SÃO PAULO. *Pacheco diz que atos golpistas devem sofrer rigor da lei, e Dino diz que invasores não vão prevalecer*. 2023c. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CnKmEfcohLt/?igshid=YmMyMTA2M2Y%3D>. Acesso em 20 jan 2024.

FOLHA DE SÃO PAULO. *PM se posiciona perto de QG no DF; bolsonaristas deixam o local, outros resistem*. 2023b. Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/CnMO6jXhcmt/?igshid=YmMyMTA2M2Y%3D>. Acesso em: 20 jan. 2024.

FOLHA DE SÃO PAULO. *Senado pediu reforço de segurança a polícia do DF, mas foi ignorado*. 2023d. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CnKtgOxMiQo/?igshid=YmMyMTA2M2Y%3D>. Acesso em 19 jan 2024.

FOLHA DE SÃO PAULO. *STF, Planalto e Congresso tem prejuízo de pelo menos R\$ 20 milhões com 8/1*. 2023f. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2023/07/stf-planalto-e-congresso-tem-prejuizo-de-pelo-menos-r-20-milhoes-com-81.shtml>. Acesso em 15 set 2023.

FOLHA DE SÃO PAULO. *ATAQUE A DEMOCRACIA*. 2023g. Disponível em: https://www.instagram.com/folhadespaulo/p/CnK6z0Lss1B/?img_index=4. Acesso em 16 set 2023.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. 7 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

HAN, Byung-Chul. *Sociedade da transparência*. Petrópolis: Vozes, 2017.

LEAL, Daniel; MESQUITA, Giovana; RÊGO, Sarah. Entre likes, hashtags e viralizações: como a audiência potente contribui para a construção da notícia no NE1, da TV Globo. *Revista Latino-americana de Jornalismo*, ano 9, v. 9, n. 1, p. 118-138, 2022.

MAGALHÃES, Izabel; MARTINS, André Ricardo; MELO RESENDE de, Viviane. *Análise de discurso crítica: um método de pesquisa qualitativa*. Brasília: Editora UnB, 2017.

MELO GOMES, Marcus Alan de. *Mídia e sistema penal: as distorções da criminalização nos meios de comunicação*. Rio de Janeiro: Revan, 2015.

O GLOBO. *Bolsonarista furam bloqueio e invadem Congresso Nacional*. 2023a. Disponível em: <https://www.instagram.com/jornaloglobo/p/CnKifaLpscq/>. Acesso em 20 jan 2024.

O GLOBO. *Manifestantes bolsonaristas conseguem invadir interior do STF*. 2023c. Disponível em: <https://www.instagram.com/jornaloglobo/reel/CnKnWG4jhjl/>. Acesso em 18 jan 2024.

O GLOBO. *Policiais tiram fotos enquanto bolsonaristas invadem Congresso*. 2023d. Disponível em: <https://www.instagram.com/jornaloglobo/reel/CnKphVNDxos/>. Acesso em 15 jan 2024.

O GLOBO. *Preso por atos antidemocráticos recusaram vacinas para Covid, hepatite, tétano e tríplice viral*. 2023b. Disponível em: https://www.instagram.com/jornaloglobo/p/CnjpWs_t5in/. Acesso em: 21 jan 2024.

ORTELLADO, Pablo; RIBEIRO, Marcio Moretto; ZEINE, Leonardo. Existe polarização política no Brasil? Análise das evidências em duas séries de pesquisas de opinião. *Opinião Pública*, v. 28, n. 1, p. 62-91, 2022.

PEREIRA, Adriana dos Santos et al. Análise de Discurso Crítica: os porquês. In: IRINEU, Lucineudo Machado et al (org.). *Análise de Discurso Crítica: conceitos-chave*. Campinas/Sp: Pontes Editora, 2020.

PEREIRA, Alessandro da Silva; TEIXEIRA, Lucas Matheus Silva; PEREIRA, Receba Sales. Discurso. In: IRINEU, Lucineudo Machado et al (org.). *Análise de Discurso Crítica: conceitos-chave*. Campinas/Sp: Pontes Editores, 2020. p. 25-44.

RAMALHO, Viviane. *Análise de Discurso Crítica da Publicidade: Um estudo sobre a promoção de medicamentos no Brasil*. Covilhã, Portugal: LabCom Books, 2010.

RESENDE, Viviane de Melo; RAMALHO, Viviane C. Vieira Sebba. Análise de discurso crítico, do modelo tridimensional à articulação entre práticas: implicações teórico-metodológicas. *Linguagem em (Dis)curso*, v. 5, n. 1, p. 185-208, 2004.

SANGLARD, Fernanda Nalon; CRUZ, Lucia Santa; GAGLIARDI, Juliana. Rememoração e retrotopia: folha de s. paulo e o globo na cobertura dos 55 anos do golpe de 1964. *Opinião Pública*, v.27, n.2, p.360-384, 2021.

SOCIAL, We are; HOOTSUITE (2022). *Digital 2022 Brazil: The essential guide to the latest connected behaviours*. Disponível em: <https://datareportal.com/reports/digital-2022-brazil>. Acesso em 11 nov 2022.

UOL. *Terrorista bolsonarista invadem e depredam Congresso, Planalto e STF*. 2023. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2023/01/08/bolsonaristas-congresso-policia.htm>. Acesso em 15 set 2023.

ZEIFERT, Anna Paula Bagetti; LUCAS, Marcello Kochhann. Violência e mídia: a violação de direitos humanos e propagação de estereótipos. *Meritum, Revista de Direito da Universidade FUMEC*, v. 16, n. 3, p. 365-379, 2021.

ZUBOFF, Shoshana. *A era do capitalismo de vigilância: a luta por um futuro humano na nova fronteira de poder*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2021.

Recebido em: 15.09.2024
Aprovado em: 12.03.2025
Última versão dos autores: 22.07.2025

Informações adicionais e declarações do autor (Integridade Científica)

Declaração de conflito de interesses: os autores confirmam que não há conflitos de interesses na condução desta pesquisa e na redação deste artigo. **Declaração de autoria:** todos e somente os pesquisadores que cumprem os requisitos de autoria deste artigo são listados como autores; todos os coautores são totalmente responsáveis por este trabalho em sua totalidade. **Declaração de originalidade:** os autores garantiram que o texto aqui publicado não foi publicado anteriormente em nenhum outro recurso e que futuras republicações somente ocorrerão com a indicação expressa da referência desta publicação original; também atestam que não há plágio de terceiros ou autoplágio.

Como citar (ABNT Brasil): DIAS, Felipe da Veiga; MORAIS, Driane Fiorentin de. A construção do discurso midiático sobre os atos antidemocráticos de 8 de janeiro de 2023: uma análise criminológica da cobertura jornalística na plataforma Instagram. *JURIS - Revista Da Faculdade De Direito*, v. 35, n. 1, p. 196-216, 2025. <https://doi.org/10.63595/juris.v35i1.18348>



Os artigos publicados na Revista Juris estão licenciados sob a Licença Creative Commons Attribution 4.0 International (CC BY 4.0)